

82.091

B622n

GOVERNO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIENCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

GLEICIANE MACHADO BISPO

**A relação entre a paisagem ideal e a representação social
no *Decameron* de Boccaccio.**

Pontes e Lacerda – MT
2015/2

GLEICIANE MACHADO BISPO

**A relação entre a paisagem ideal e a representação social
no *Decameron* de Boccaccio.**

Trabalho de conclusão de curso como requisito
parcial para obtenção do grau de Licenciatura
Plena em Letras, no Campus Universitário de
Pontes e Lacerda-UNEMAT.

Orientador: Prof. Dr. Helvio Gomes Moraes
Junior

Co-orientador: Prof. Dr. Epaminondas de Matos
Magalhães

Pontes e Lacerda – MT
2015/2

Dedico este trabalho a minha mãe que esteve sempre ao meu lado durante os cinco anos que passei na UNEMAT e principalmente neste período de escrita, e que mesmo não sabendo o que era exatamente um Trabalho de Conclusão de Curso me encorajava a seguir em frente nos momentos de desânimo.

Mãe, está aqui, este é o tão famoso TCC, Monografia ou aquilo que me tirou muitas noites de sono chame-o como quiser ele é nosso, meu e seu.

É o nosso passaporte e a esperança de uma vida melhor. E uma conquista!

AGRADECIMENTOS

A entrar na Universidade foi uma conquista que eu não consegui sozinha, são inúmeras as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui.

Agradeço a Deus pela oportunidade concedida de passar no vestibular 2011/1.

Agradeço a minha mãe que incentivou a ir todas as noites para aulas, e também meu tio Francisco que se propôs a pagar meu ônibus até que eu me estabelecesse financeiramente.

Agradeço aos meus amigos de turma, Jesiane Duarte, Carla Figueiredo, Henrique Aiala, Camila Lourenço, Keitiane Alecrim que compartilharam momentos incríveis nos primeiros semestres.

Agradeço nos últimos semestre ao Sidiney Severiano Coelho, Rafael Brustolon e Érika Eduardo que me proporcionaram amizades intensas e verdadeiras.

Agradeço minha amiga Gilmara Matos Centeno (migs, gata, Maria Corina entre outros codinomes) pela amizade e compreensão e pelas inúmeras horas que passamos conversando sobre tudo e nada ao mesmo tempo. A gente se completa.

Agradeço ao meu namorado Marcus Diego Andrade pela compreensão e pelo incentivo e apoio prestado durante todos os anos de universidade.

Agradeço a Cleunice Maria de Andrade que se disponibilizou para fazer as correções ortográficas.

Agradeço minha irmã Aline Machado pelo apoio e incentivo e que é um orgulho para mim.

Agradeço ao meu querido orientador Helvio Moraes por ter me apresentado à literatura e depositado sua confiança em mim. Agradeço ao meu também querido co-orientador Epaminondas de Matos Magalhães pela disposição de me co-orientar e pela paciência com a minha ansiedade. Estes são meus singelos agradecimentos!

Pássaros criados em
gaiolas acreditam que
voar é uma doença.
(Alejandro Jodorowsky)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo estudar a relação entre a paisagem ideal e a sociedade no livro *Decameron* (2013), para entendermos a composição do *locus amoenus* em Boccaccio fizemos um percurso histórico no qual analisaremos alguns fragmentos de obras de diferentes períodos em que o espaço é configurado com o elementos que constituem o conceito de amenidade, nos quais entendemos que a natureza exerce uma função no estado de espírito. Após a compreensão do *locus amoenus*, no segundo capítulo compreendemos o cenário político, histórico e religioso no qual está a cidade Florença a qual pertence as personagens da obra escolhida, que após a cidade ser invadida pela peste, fogem para o campo e representam a composição de uma nova sociedade do Renascimento.

Palavras chave: Sociedade, locus amoenus, locus horrendus, espaço, peste negra.

ABSTRACT: This work aims to study the relationship between the ideal landscape and society in the book Decameron (2013). Order to understand the composition of the locus amoenus in Boccaccio, we made a historical path in which we analyze some fragments of works from different periods in the space is configured with elements constituting the concept of amenity, in which we understand that nature plays a role in state of mind after understanding the locus amoenus in the second chapter we understand the scenario, political, historical and religious in which is Florence city they belong the characters of the chosen work, which after the city was invaded by the plague had run away to the countryside and represents the composition of a new society of the Renaissance.

Keywords: Decameron, society, locus amoenus, horrendus locus, Florence, Space, Black Death

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
I – Percorrendo a literatura para compreender a moderna composição do espaço em Boccaccio.	10
II - A relação entre a paisagem ideal e a representação social.	28
1-Locus amoenus versus Locus Horrendus.....	37
Considerações Finais	49
Bibliografia.....	53

INTRODUÇÃO

Destacaremos como objeto desta pesquisa a relação entre a paisagem ideal e a representação social no livro *Decameron*, do escritor Italiano Giovanni Boccaccio traduzido por Ivone C. Benedetti (2013). O livro é constituído por dez jornadas novelescas, com um total de cem histórias narradas por um grupo de jovens nobres, que, assombrados pela ameaça da morte na cidade, decide fugir para o campo até que se atenuie a situação, e, ao chegar lá, decidem viver de forma distinta e civilizada.

Para a constituição desse trabalho, fizemos um levantamento buscando em obras de diferentes períodos, que apresentam passagens nas quais o espaço literário seja composto por elementos da natureza que dão origem ao *locus amoenus*, as quais darão aporte para compreender a configuração da paisagem ideal na obra em análise.

Durante os estudos em sala de aula, compreendemos que o corpus do trabalho é constituído por dois espaços literários, o primeiro é a cidade invadida pela doença e o segundo, as montanhas de Fiésolo, onde as personagens encontram palácios adornados e neles conseguem viver cercadas de todo o conforto com que estavam acostumadas. Ao repararmos neste aspecto, percebemos ainda, que há certa instabilidade no estado de espírito das personagens, conforme o ambiente que elas ocupavam. E diante desta compreensão, surgiu o interesse de estudar o contraste entre os espaços descritos no livro, ou seja, a cidade em decadência e o idílio.

Observamos a relevância de algumas hipóteses de leitura da obra, como a configuração da paisagem perante as situações em que se encontram as personagens, que, diante da dissolução social que tomou conta da cidade, cria um espaço de insegurança. As personagens veem apenas como saída a fuga da cidade para um lugar ameno, no qual é possível viver com cortesia e tranquilidade, o que atribui relevância ao fato de que o lugar ameno construído por Boccaccio existe apenas porque antes foi construído um lugar horrendo em que a sobrevivência seria impossível.

A principal finalidade é estudar como se constitui a relação entre a paisagem ideal e a sociedade ideal na obra *Decameron* (2013). O aporte teórico será baseado nas referências de algumas obras canônicas tais como *Odisséia*, *Édipo em Colono*, *Diálogo de Fedro*, *Eneida* e *A divina comédia* que, em determinados momentos, seus autores descrevem um lugar onde a natureza está em harmonia e proporciona às personagens um momento de reflexão.

A importância deste trabalho está em estudar o tema *locus amoenus* que é tão pouco discutido, pois durante a elaboração do trabalho, encontramos certa dificuldade para encontrar materiais que tratassem do assunto com mais profundidade.

Metodologicamente, o tipo de pesquisa adotada foi a bibliográfica, com diversas leituras da literatura em busca de informações relevantes para a composição deste trabalho.

O texto foi dividido em dois capítulos: no primeiro fazemos percurso histórico, e analisamos alguns trechos das obras de Platão, Sófocles, Virgílio e Dante em busca de aporte para a compreensão da composição da paisagem ideal construída na obra *Decameron* de Boccaccio. E o segundo aborda o estudo sobre a paisagem e a sociedade que compõe a obra, e a relevância do contraste dos espaços literários que constitui a narrativa.

I – PERCORRENDO A LITERATURA PARA COMPREENDER A MODERNA COMPOSIÇÃO DO ESPAÇO EM BOCCACCIO.

Escrito entre 1348 a 1351, “*O Decameron*” retrata o período em que a peste negra invade Florença e dizima a população de forma brutal, o que estremece as estruturas sociais, políticas, familiares e religiosas. Devido a este fato, a cidade entra em decadência, e dez jovens nobres, sendo sete moças e três rapazes, que se encontram em uma situação parecida de abandono, decidem fugir para as montanhas de Fiéssole em busca de uma convivência agradável e distinta. Eles têm como principal atividade a narrativa das histórias que compõem a obra.

Florença está em ruínas em todos os aspectos. A descrição da situação em que se encontra a cidade de Florença constrói um espaço em que o caos está instalado e sem nenhuma perspectiva de melhoras. Assim, tem-se um cenário de destruição no qual as personagens se encontram.

E, de nada havendo servido os saberes e as providências humanas, como a limpeza das imundices da cidade por funcionários encarregados de tais coisas, a proibição de entrada dos doentes e os muitos concelhos dados para a conservação da salubridade, e tampouco encontrando efeito as humildes súplicas feitas a Deus pelos devotos, não uma vez, mas muitas, em procissões e de outros modos, era já quase início da primavera do ano acima quando começaram a manifestar-se de maneira prodigiosa seus horríveis e dolosos efeitos. (BOCCACCIO, 2013, p.27)

O autor descreve no prólogo da obra que o motivo para escrever o *Decameron* (2013), está em sua vontade de demonstrar gratidão e oferecer algum alívio para aquelas que o ajudaram num momento de muito sofrimento. Boccaccio decide oferecer, então, sua obra, às amáveis senhoras que são temerosas e tímidas, que escondem no coração as chamas do amor e que, além disso, são refreadas pelas vontades da família e ficam a maior parte do tempo fechadas em seus quartos, envolvidas por pensamentos que nem sempre são alegres, e que, diferente dos homens, não lhes são permitidas atividades que amenizem a melancolia.

O momento de escrita da obra coincide com a chegada da peste na cidade. O autor a usa como moldura de suas novelas e apresenta o período como mortífero e pestilento, constrói uma cidade vulnerável em todos os aspectos. Nesta, os habitantes adoecem e, sem nenhuma expectativa de cura,

morrem em poucos dias, e a sociedade, ciente da alta agressividade da doença, fica inerte diante da situação caótica.

O recorte dessa pesquisa será o espaço em que o enredo está inserido, que é a cidade de Florença e o campo. Faremos, primeiramente, algumas considerações teóricas sobre o espaço literário. Assim como na realidade os fatos acontecem em um determinado espaço e em um determinado tempo, os acontecimentos fictícios também ocupam um espaço e tempo dentro da narrativa, situando o leitor. Entendemos que o “espaço é, por definição, o lugar onde se passa a ação numa narrativa” (Gancho, 2002, p. 23).

Assim, se a obra possuir ações condensadas, ou seja, poucos acontecimentos, ou se o enredo for de cunho psicológico, isto é, que trata de fatos ligados à memória e aos sentimentos, haverá uma parcela mínima de espaços. No entanto, se o enredo se constituir de diversos acontecimentos, haverá um número maior de espaços. A função do espaço é localizar as ações dos personagens e “estabelecer com eles uma interação” (Gancho, 2002, p.23), o que influencia as ações e emoções.

O espaço literário é composto de formas que podem ser unidas ou separadas, ele emoldura os acontecimentos da narrativa. O escritor tem a liberdade de “desenhar” o espaço de sua obra de acordo com seus objetivos, isso significa dizer que o autor pode fazê-lo de modo que a narrativa se desenvolva em apenas um espaço ou em espaços diversos.

Podemos dizer que o termo e o conceito de espaço estão relacionados apenas ao espaço geográfico em que as personagens da narrativa agem. Para ressaltarmos um “lugar” de cunho psicológico, social ou econômico, recorreremos ao termo ambiente, que conceituamos como a convergência do tempo e do espaço, que estão intrinsecamente ligados ao clima, “que é o conjunto de determinantes que cercam as personagens” que são os fatores socioeconômicos, morais, religiosos e psicológicos (Gancho, 2002, p. 24), cuja função é caracterizar a conjuntura em que os personagens se encontram. Para tanto, o ambiente deve projetar os conflitos ocasionados pela relação das personagens, que possuem características diferentes tanto físicas quanto psicológicas e sociais.

Para que os fatos nos textos literários se desenvolvam é necessário que estes estejam situados em um espaço dentro da obra, e, em algumas obras, o espaço pode remeter a um lugar real, que representa assim, a história e serve de base para os acontecimentos fictícios.

Ainda sobre o espaço literário, Antonio Dimas (1985), nos apresenta o conceito de espaço como um elemento denotado, que pode ser percebido rapidamente porque é composto por aspectos "concretos" que fazem parte da ambientação, que é um processo implícito que acontece durante a narrativa, e que caracteriza a obra de modo que o leitor consiga identificar o momento em que ela foi escrita e qual é o objetivo do autor.

E para compreendermos a configuração da paisagem ideal e a representação social na obra em estudo, buscaremos na literatura de diferentes períodos a representação de um ideal de mundo, social e humano que se apresentam, de certa forma, no horizonte artístico e intelectual de Boccaccio no momento em que escreve o *Decameron*.

Percorreremos alguns momentos da história da literatura para entendermos como é a composição do espaço e o modo como se configura a paisagem "ideal", que, segundo Curtius (1996), perdurou por séculos.

Nas epopeias de Homero, temos o começo da glorificação do homem e da terra. Nas literaturas épicas, temos um povo que é governado por seres divinos, que veem os seres humanos apenas como objetos de manipulação. Ainda nas referidas epopeias, há passagens em que os deuses estão sempre criando intrigas uns com os outros, numa espécie de disputa divina, no entanto, as brigas entre os deuses resultam em frequentes infortúnios para os heróis, ou seja, para que um deus consiga afrontar outro deus são usados homens ou povos, e são nestas discórdias olímpicas que temos alguém vitorioso. A título de exemplo, no decorrer da Odisseia, o herói é sempre protegido pela deusa Minerva e perseguido pelo deus dos mares, Poseidon.

Segundo Curtius (1996), na epopeia, deuses e humanos podem ocupar o mesmo espaço e interagirem, pois nela a natureza está intrinsecamente ligada ao plano divino. Para representar esta conexão, Homero elabora alguns

ambientes agradáveis, tais como “um grupo de árvores, um bosque com água corrente, uma campina viçosa” (Curtius, 1996, p. 244). Temos, na paisagem natural, alguns momentos de descanso e conexão do espírito com a natureza, no entanto, nem sempre encontraremos descrições da natureza nos textos épicos.

Ilíada e *Odisseia* são poemas épicos, sendo que o primeiro é de cunho militar e voltado para os feitos heroicos. O segundo poema, feito após a guerra, narra a volta do guerreiro Ulisses à sua pátria, para, contar seus grandes feitos com muita tranquilidade. A *odisseia* é geograficamente ampla, pois trata de aventuras marítimas que permeiam diversos territórios. E nestas, temos diversas paisagens descritas e algumas delas apresentam os elementos da paisagem ideal.

Homero dispõe em suas obras infinitas espécies de plantas, dentre elas muitas árvores frutíferas que compõem os mais variados cenários. Além das paisagens compostas pela fauna, flora e belezas naturais, temos ainda na composição da paisagem ideal, a não existência de miséria e doenças. Nelas, a primavera impera e os deuses provém aquilo que eles necessitam e mesmo que a morte venha aos velhos, isso não é apresentando como um fato ruim “Artemis a eles, e Apolo, o deus do arco de prata, se chegam e, com seus raios suaves, a vida dos membros” (Curtius, 1996, p. 245).

Voa, e à gruta caminha de Calipso:
De longe tuia recendia e cedro,
Ardendo no fogão; melífluas árias
Ela entoava, a teia percorrendo
Com lançadeira de ouro. Em torno à gruta
Choupo, odor cipreste, alno viceja;
Ali — extensas no bosque aninham-se aves,
Gaviões e bufos, linguareiras gralhas,
Ao marinho bulício afeiçoadas.
Fora, parreira de pubentes ramos
Flores em uvas; quatro fontes regam
De água pura, chegando-se e fugindo,
Aipos e violais em moles veigas:
Um deus pasmado ali se deleitava,
E o fez Mercúrio assim. (Odisséia V, 40-50)

Neste fragmento da *Odisseia*, temos a descrição da gruta de Calipso, na qual a deusa que hospeda Ulisses aparece por entre as múltiplas espécies de árvores, como a tuia de origem asiática e de folhagem ornamental, o cedro que

denomina árvores comuns, que na gruta, a deusa usa como combustível para o fogo. Em torno da gruta existe uma abundância de elementos da natureza, como os choupos e álamos, que são árvores de grande altura e folhas arredondadas. Observamos também a presença de aves em harmonia com o som marinho. Ainda integram a paisagem, árvores frutíferas como as parreiras, e quatro fontes de água que regam campos que os pássaros usam como ponto de chegada e partida. Com este fragmento, podemos comprovar a hipótese de Curtius (1996), que afirma que nas epopeias, deuses e humanos se estabelecem nos mesmos lugares.

A descrição da paisagem na gruta de Calipso representa um lugar em que os próprios deuses utilizam para descansar, porém a personagem principal da narrativa é Ulisses, um guerreiro que deseja voltar para sua pátria e que está nesta gruta contra sua vontade, uma vez que na cena seguinte percebemos que apesar da gruta conter todos os elementos de um lugar ameno para o apaziguamento do espírito, Ulisses não está nenhum pouco contente com momento em que está vivendo ao lado da deusa. O fragmento seguinte corrobora nossa afirmação.

Que era na praia, os macerdados olhos
Pelo ponto infrugífero estendendo,
Em suspiros e lágrimas.
(HOMERO, Odisseia, V, 60)

No entanto, durante a viagem de volta, Ulisses passa por diversos lugares paradisíacos, compreendemos que o lugar que a personagem considera ameno é sua pátria Ítaca, pois ela lhe proporciona uma tranquilidade espiritual e sobre a qual o amor está fundamentado.

A composição da paisagem homérica serviu de base para diversos escritores da posteridade, mesmo que acrescida de variantes. Entre os elementos de configuração da paisagem na antiguidade, o mais importante para os escritores meridionais é a sombra, pois ela proporciona o ambiente para a conversação e descanso, ou seja, ela contribui para a troca de conhecimentos. Escrever cercado de elementos da natureza tornou-se um motivo poético aprimorado pela cultura helenística.

Este motivo poético aprimorado pelo helenismo deu origem ao bucolismo, que são poemas que trazem como temática o campo e o amor. E para que o princípio da poesia bucólica se desenvolva, temos um quadro social em que ele deve se encaixar: "que viva ao ar livre ou no campo, longe da cidade, e tenha lazeres e ensejos para escrever, possuindo, além disso, um instrumento musical primitivo" (Curtius, 1996 p.246).

A figura de um profissional que se enquadra perfeitamente nestas condições são os pastores, que vivem em montanhas, pastoreando animais e distantes da agitação das cidades, realizam tarefas apenas ligadas ao campo e ainda contam com a proteção do deus Pã.

No exercício das tarefas diárias conseguem unir a vida pastoral à poesia e a música, o que dá origem às poesias bucólicas. Segundo Curtius (1996), o bucolismo começa com Teócrito de Siracusa (310-250 a.C) e sua influência foi de grande importância após as epopeias, pois em todas as épocas temos pessoas que vivem no campo e desenvolvem as atividades pastoris, o que torna "o modo fundamental da existência humana"(Curtius, 1996 p. 246), ou seja, antes de todas as atividades que constituem o modo de vida nas cidades, temos como meio de sobrevivência, a prática de extrair da natureza os elementos necessários para a vida.

Enfim, a poesia bucólica está intrinsecamente ligada à natureza e perdurou durante dois milênios, o que muito influenciou a poesia erótica pelo seu intenso poder de renovação.

A poesia pastoril se tornou sólida na tradição ocidental pela genialidade de Virgílio, que recebeu influências de Teócrito e transformou alguns dos elementos constituintes do bucolismo, como a substituição da Sicília pela Arcádia, de cunho romântico, incluindo ainda o cotidiano bucólico em suas obras e personagens da história romana, o que, de certa forma, preparou o caminho para a *Eneida*. A influência de éclogas de Virgílio pode ser comparada à importância das epopeias.

Ao pensarmos na contribuição dos poetas épicos, temos a presença dos bosques, que também são conhecidos pelo conceito de floresta mista, a qual

se adapta à contextura das cenas épicas. Percebemos ainda o *locus amoenus*, que se torna o lugar ideal para o descanso, acaba ainda por se tornar um processo de composição de paraísos terrestres.

Para denominar essa paisagem que está em equilíbrio com o estado de espírito, Curtius (1996) usa a expressão *Locus amoenus*, uma expressão derivada do latim, que está ligada ao espaço em que o enredo está inserido.

Este recurso de retórica na antiguidade era intrinsecamente ligado às poesias bucólicas, nas quais os elementos campestres e pastoris eram fundamentais.

Vemos com frequência na estrutura das poesias pastoris que o bucolismo está constantemente inserido nos espaços rurais, com a presença da natureza sempre em harmonia: campos esverdeados e frescos, florestas ricas em cores, aromas e animais, que devido à abundância de vida está em constante renovação, porém não podemos associar o *locus amoenus* apenas à poesia bucólica, pois esta tem por característica essencial o espaço campestre, e nem sempre as obras em que a paisagem ideal aparece são relacionadas ao campo.

Nesse contexto, significa dizer que a natureza era descrita em pormenores e sempre com elementos ricos em beleza para tornar a narrativa mais abastada e bela em seus detalhes relacionados ao espaço, o que desvencilha da conjuntura campestre e ganha espaços em outros tipos de narrativas como as de cavalaria.

As descrições da natureza sucessivamente foram feitas de maneiras diferentes, pois cada poeta configura a paisagem conforme a sua necessidade, alguns optam por caracterizar a poesia com o máximo de naturalidade, outros por eternizarem a primavera e incluírem mais elementos naturais na paisagem ideal. Temos autores que escrevem usando apenas a natureza como motivo poético e outros que inserem o lugar ameno dentro de uma paisagem totalmente inóspita como fez Teócrito em seu encômio aos Dioscuros (XXII, 36 e ss).

A tragédia de Sófocles (427 a.C), *Édipo em Colono* consiste em representar o que acontece com Édipo Rei após descobrir ser o assassino do pai e ter constituído família com a mãe. Após tal ato, ele perfura os próprios olhos e é expulso de sua terra pelos filhos. Édipo, que outrora era amado pelo povo de Tebas, depois da sua expulsão, passa a vagar por territórios desconhecidos. Ele e sua filha/irmã ficam sujeitos à caridade de outros. Sendo assim, Édipo e Antígona chegam a Colono, cidade que nenhum dos dois conhece. Antígona tem a função de guia, que descreve a paisagem para Édipo e o espectador da seguinte forma:

Antígona

Pai, Édipo infausto, as torres
Protetoras da cidade parecem distantes.
Este recinto é sacro: vicejam
loureiros, oliveiras, vinhas. Rouxinóis,
densas plumas, gorjeiam entre os ramos.
Dobra os membros na rude penha:
ancião, cumpriste longa jornada.

Nesta obra temos duas personagens que estão em terras desconhecidas, sendo uma delas, Édipo, que se tornara cego, e Antígona, que tem a missão de descrever verbalmente o cenário que se encontram, isto é, cabe a ela situar seu pai e os espectadores no espaço em que se desenvolve todo o enredo. A primeira visão de Antígona são as torres protetoras das cidades.

Apesar de Antígona não conhecer o espaço, ela tem consciência de que o lugar em que está é sagrado e que merece respeito. E este local venerável está abundante de espécies de plantas: o loureiro, de origem mediterrânea e usado como tempero, as oliveiras, que tem como frutos as azeitonas e que são mais comuns em países quentes junto com as vinhas que são terrenos de plantação de videiras. Ainda na composição, temos a presença de um pássaro de porte pequeno, que tem uma melodia diferente e livre, o que o torna um símbolo para a poesia.

Percebemos, então, que na tragédia de Sófocles, a paisagem se configura de modo diferente. Os personagens estão em um lugar que parece afastado da cidade de Colono, que é uma espécie de local consagrado às deusas que são temidas pelo povo da cidade. Compreendemos, nesta

configuração de espaço, a ligação da natureza com os seres divinos, nesta descrição temos a ausência do elemento água, mas temos a inserção de outras espécies de plantas. Em outras palavras, a história começa a se desenvolver já no *locus amoenus*.

O diálogo de Fedro e de Sócrates sobre o amor, que traz trechos em que a paisagem é descrita em meio a dois ambientes: dentro e fora dos muros da cidade. Fedro sai para passear, encontra seu amigo Sócrates e decidem sair da cidade para conversarem sobre o discurso a respeito do amor, feito por Lísias. Para compreendermos a composição deste ambiente segue o fragmento da obra;

FEDRO: - Cala-te, caro Sócrates! Puseste por terra a minha esperança de fazer uma experiência de memória contigo. Onde queres que nos sentemos para ler?

SÓCRATES: - Afastemo-nos aqui da estrada e caminhemos ao longo do Ilisso. Mais adiante poderemos sentar-nos à vontade e estaremos sossegados.

FEDRO: - Ao que parece, escolhi uma boa ocasião para andar sem sandálias. Quanto a ti, Sócrates, andas sempre descalço. É bem agradável banhar os pés e caminhar pela margem deste riacho, e mais agradável ainda nesta estação e nesta hora do dia.

SÓCRATES: - Então avante! Procura um lugar onde nos possamos sentar.

FEDRO: - Vês aquele altíssimo plátano?

SÓCRATES: - Como não!

FEDRO: - Ali há sombra, relva, e sopra um pouco de brisa. Debaixo dele podemos nos sentar, e até, se quiseres, deitar-nos.

SÓCRATES: - Vamos para lá.

FEDRO: - Dize-me uma coisa, caro Sócrates, não afirma o povo que de um desses lugares, à margem do Ilisso, Bóreas raptou Orítia? Ou foi na colina de Ares? A lenda, com efeito, admite que foi no Ares e não aqui que Orítia foi raptada.

SÓCRATES: - Com efeito.

Nesse trecho as personagens Sócrates e Fedro se afastam da estrada e caminham às margens do rio Ilisso para encontrarem um lugar calmo e agradável. Nas palavras de Fedro, podemos observar que ele anda descalço, isto é, sem nenhum incômodo e ainda percebemos a satisfação da personagem por estar em contato com as águas do riacho na estação que ele não cita o nome, mas que a leitura do texto nos remete ao verão.

Na cena seguinte temos a inserção de uma espécie de árvore, o plátano, cuja fama difundiu-se por toda antiguidade" (Curtius, 1996, p.246), os

arredores desta árvore estão cobertos de gramas e ervas rasteiras, onde sopra uma leve brisa e a árvore rende uma ótima sombra, que é um dos elementos fundamentais para os gregos.

Percebemos no decorrer da leitura que as personagens chegam ao plátano e Sócrates faz a seguinte descrição:

SÓCRATES: - Por Hera, que é um bonito lugar! Este plátano estende muito os seus ramos e é bem alto, e também este agnocasto tem uma bela altura e lança magnífica sombra. Além disso, está todo em flor e espalha por aqui um cheiro delicioso. Sob a ramagem do plátano corre uma bonita fonte de água fresca, como a estou a sentir nos pés. A julgar pelas estátuas e oblações, parece ser um lugar consagrado a Aqueloo e às Ninfas. A brisa aqui é suave, e o coro das cigarras ressoa lá no alto, tal como na primavera. O mais belo, porém, é a relva, bastante densa para oferecer à cabeça um confortável travesseiro com o seu brando declive. És um excelente guia, caro Fedro!

É notável a admiração de Sócrates quando ele descreve em pormenores a paisagem na qual se instalaram. Observamos que nesta descrição aparecem os elementos fundamentais para a composição do *locus amoenus*: a árvore, a relva, a brisa e uma fonte de água fresca. Diante deste cenário, Sócrates elabora a paisagem artisticamente, com motivos que se relacionam com os sentidos presentes nos seres humanos.

Quando Sócrates nos descreve a árvore como alta e que lança uma magnífica sombra, o filósofo presenteia o olhar do leitor e no momento que ele descreve a árvore é bem florida e que espalha um maravilhoso perfume, o autor ativa o sentido do olfato e faz com que o leitor perceba o aroma. Ao sentir a água fresca nos pés, temos o sentido do tato sendo estimulado e, finalmente, quando o canto das cigarras no alto é narrado, a audição é despertada.

Compreendemos que a paisagem descrita "é uma bela e sombreada nesga da Natureza" (Curtius, 1996 p.254), que traz a caracterização da paisagem como recurso literário, o que faz com que o leitor experimente a sensação de estar em harmonia com a natureza. Enfim, percebemos que a personagem compõe o espaço com os elementos fundamentais e ainda agrega o som da cigarra como elemento variante.

No trecho do diálogo de Platão percebemos que a personagem Fedro, que se encontra na cidade, depois de uma longa conversa sobre o amor na casa de Lísias, busca o contato com a natureza para apaziguar seu espírito, e encontra seu amigo Sócrates, que é um filósofo que também aprecia refletir sobre o amor, o que se pode comprovar em um dado momento da conversa quando Sócrates afirma que seu interlocutor “[...] se dirige para fora dos muros da cidade a fim de gravá-lo bem na memória”.

Isso posto, é perceptível que, conforme essa matriz literária a natureza tem o poder de propiciar ao ser humano a condição de melhorar tanto o espírito quanto o intelecto.

No decorrer da leitura é possível perceber que as personagens escolheram um pequeno espaço da natureza para falar sobre o amor e que, ainda durante o diálogo, as personagens adjetivam o espaço em que se encontram como um lugar divino, que fora feito especialmente para acomodar pessoas que desejam conversar sobre assuntos interessantes e pertinentes. Compreendemos ainda que os homens não podem se portar diante da natureza como pessoas comuns, que a buscam apenas com o fim de descansar.

Virgílio, autor de *Eneida*, poema épico escrito entre os séculos 29 a.C e 19 a.C, inspirado na *Iliada* e na *Odisseia* de Homero, traz a história de Enéias, o último troiano que construiu uma colônia, da qual originou o povo romano.

No canto IV da *Eneida*, a expedição das personagens Dido e Enéias é interrompida por uma longa tempestade, diante da qual os dois se veem obrigados a se esconderem em uma gruta onde acabam passando a noite juntos. O fragmento da obra nos remete à composição da paisagem descrita ainda na antiguidade

Aos altos montes chegaram, caminhos impérvios; por tudo. Eis saltam cabras montesas, pulando dos picos mais altos. Em correria sem tino, do lado contrário, deixando matas e montes os cervos ligeiros planície recortam Em polvoroso tropel muito ao longe em manadas se reúnem. (VIRGILIO, 1983, p.75).

Este trecho do poema épico descreve as primeiras imagens que as personagens avistam ao chegarem ao lugar escolhido para caçarem, o qual é

composto por montes e rochedos. Temos ainda a inserção de animais como a cabra e o cervo. Apesar de alguns adjetivos que qualificam o lugar como algo não harmonioso, temos este espaço como cenário para a consumação do amor entre Enéias e Dido.

Com a inclusão dos animais compreendemos que a cena se passa em um panorama campestre. É possível também imaginar a dimensão do espaço quando os animais fogem por causa da presença humana.

Ainda na mesma obra, temos o acontecimento do herói que deseja descer até o mundo subterrâneo e percorrer vários lugares onde as pessoas estão separadas pelos motivos de sua morte. Para que Enéias desça ao averno e volte à terra dos vivos lhe é designada uma tarefa, e antes que esta seja atribuída temos a descrição da paisagem ao redor do averno.

Florestas imensas há de permeio no averno, ao redor do Cocito sinuoso. (VIRGILIO, 1983 p. 116), neste fragmento, há o elemento da floresta, porém ela adorna a paisagem de um lugar mítico, para onde vão as pessoas que morrem. A floresta pertence ao conjunto de elementos de configuração da paisagem ideal que, na maioria das vezes, é trazida nas obras para compor um lugar que as personagens se estabelecem para se recompor.

O fragmento exposto, no entanto, mostra que a floresta representa a separação entre ambos os mundos e que o herói deve atravessá-la. Analogicamente, podemos ver esta floresta como o ciclo humano, pois entre a vida e a morte atravessamos um caminho desconhecido e sinuoso.

No trecho abaixo podemos observar a tarefa que o herói deve cumprir.

Sob a copa densa de uma árvore oculta – se um ramo de talo flexível, folhas áureas, à junco infernal dedicado. A floresta no seu negrume o acoberta nas sombras do vale profundo. Mas, não é dado a ninguém penetrar até ao centro da terra, sem que o primeiro dessa árvore arranque o áureo ramo com folhas. Esse o preceito que a bela prosérpina impôs ao seu culto: quando o primeiro é tirado logo o outro floresce na vara de ouro também recoberta, rebento precioso em verdade. (VIRGILIO 1983, p.116)

Antes que o herói da *Eneida* execute sua viagem para o mundo dos mortos, a maga Sibila o adverte dizendo que para ir ao averno é muito fácil, mas para fazer a viagem de volta será uma tarefa árdua. Mesmo com as advertências, Enéias aceita as condições. Para elaborar a missão de Enéias,

Virgílio usou diversos recursos que compõem a paisagem ideal entrelaçando-os com elementos divinos.

O poeta caracteriza a floresta com adjetivos que lhe dão aspectos sombrios. O termo *negrume* tem o significado constituído de tristeza e melancolia, mas ao mesmo tempo em que Virgílio descreve uma floresta melancólica, introduz a este cenário o elemento denominado *áureo ramo*, constituído de sentidos resplandecentes, que produzem um extraordinário contraste entre os elementos que compõem a paisagem.

A missão que é dada a Enéias tem uma função condicional, ou seja, apenas é lhe permitido entrar no averno após a finalização da tarefa.

Busca-o, então, com a vista e, uma vez encontrado, de acordo com os sacros ritos o colhe, pois sendo-te o Fado bondoso, por próprio impulso te cede (VIRGILIO 1983, p.117)

Para que Enéias tenha êxito na execução da tarefa o destino deve contribuir para que o ramo de ouro se separe do talo, caso não contribua, nenhum outro tipo de força ou instrumento será capaz de separá-lo.

Após designar a missão que Enéias deveria cumprir, Sibila ainda o alertou sobre a morte de seu companheiro Miseno. O herói segue a caminhada e ao chegar à praia arenosa encontra concretizada a predição da maga com a qual acabara de se consultar. Ao se deparar com a situação Enéias e seus companheiros adentram na selva em busca de madeira para que uma alta fogueira funérea para Miseno seja construída. Virgílio assim descreve a paisagem.

Entram na selva vetusta, das feras abrigo seguro.
Fere de rijo o machado; carvalhos em barda ali tombam, forte
enzinheiro, fraxíneos madeiros de tronco nodoso rachados são. Vão
rodando aos montes os olmos gigantes. (VIRGILIO, 1983, p.117)

Neste fragmento percebemos a presença do conceito de floresta mista que Curtius (1996), confere ao modo que Virgílio caracteriza a paisagem. O espaço é constituído por uma selva antiga e esta é composta por três espécies de árvores diferentes, o *enzinheiro*, que pertence à família do *carvalho*, o próprio *carvalho*, que é uma árvore de folhas lobuladas e de grande altura e os *olmos*, que também é uma espécie de grande porte, sendo todas elas utilizadas para o trabalho de *marcenaria*. Percebemos que o poeta define a paisagem com aspectos que retratam um clima melancólico.

Enquanto eles derrubam as árvores na antiga floresta, Enéias cogita encontrar o ramo dourado, porém vê duas aves em sua direção e pede para que elas o guiem até a árvore na qual está o ramo que deseja e assim acontece. Ele o encontra e segue em direção à gruta de Sibila.

O herói, convicto de sua vontade, executa todos os ritos sacros e ao mesmo tempo cultua a guardiã do Averno e percebe seu desejo atendido. A guardiã o conduz pelos diversos locais nos quais as almas estão separadas pelos motivos que as levaram à morte. Depois desse episódio é que Enéias conhece alguns ambientes e chega ao bosque Elísio que é descrito da seguinte maneira:

Bem no saguão para Enéias; o corpo aspergiu de água pura recém-colhida, e de pronto pendura ao portal o áureo ramo.
Completo o rito e já havendo cumprido o mandado da deusa, chegam a uns sítios graciosos e a amenos vergéis, também ditos afortunados, moradas das almas felizes, sem manchas.
Nestas paragens é o éter mais puro, e uma luz mais brilhante tudo ilumina; sol próprio conhecem privadas estrelas.
Dos moradores, alguns se exercitam em campos de grama ou se divertem de várias maneiras na areia dourada; outros em coro volteiam, ao ritmo de belas cantigas. (VIRGÍLIO, 1983, p.129)

Ao chegar ao bosque Elísio, Enéias pendura o ramo dourado no portal que dá acesso aos campos e tem a função de abrir as portas do bosque, e quando estas são abertas, tanto o herói quanto o leitor se deparam com um lugar deslumbrante. Este cenário é composto por elementos que podemos considerar pertencentes ao *locus amoenus* (paisagem ideal). Nele, a natureza é descrita em pormenores e todos os elementos estão em harmonia.

Para a composição do bosque Elísio, Virgílio usa adjetivos sempre constituídos de sentidos afáveis, que configuram o cenário como ameno. E as almas que habitam este lugar são felizes e não são maculadas, nele há a presença do ar puro, de campos frutíferos e é repleto de felicidade. Para a descrição deste espaço, o poeta sobrepõe palavras que somam significados e enriquecem em detalhes a obra.

O bosque Elísio é pormenorizado com muito requinte, nele há música, luz própria, areia dourada e por ele desfilam apenas as almas de heróis e pessoas nobres. No local, as almas são livres para se deleitarem. O modo como o bosque Elísio é descrito pode ser comparado com a configuração de um paraíso. O poeta sempre usa o termo ameno para denominar os lugares

afáveis, numa analogia, isso pode estar relacionado ao fato das almas ficarem em um lugar em que não há nenhuma preocupação e desarmonia.

Este espaço ameno está situado num lugar que não podemos dividi-lo entre céu e inferno de acordo com a cultura cristã, porque falamos de uma sociedade que ainda vive resquícios da cultura grega e esta não faz divisão, visto que todos que morrem vão para o mesmo lugar, o averno, porém cada um recebe o que lhe de direito.

Virgílio traz o *locus amoenus* em plano diferente daqueles que já estudamos, pois este conceito é trazido em outras obras em contextos diferentes, porém todos no plano terrestre. Na *Eneida* ele aparece de forma requintada e em um plano imaterial.

O poeta descreve todos os espaços do averno que o herói visita sempre com aspectos de languidez e com brevidade, entretanto apresenta o bosque em detalhes e toda riqueza que lá existe.

O canto VI da *Eneida* está repleto de elementos naturais. Em toda parte do percurso do herói os encontramos, compreendemos assim que é através da natureza que Enéias conseguiu atingir seu objetivo, e, em conexão com ela, que almas que tiveram uma vida digna na terra vivem após atravessarem o Estige.

No período da Idade Média, o lugar ameno era considerado como recurso estilístico poético. Em outras palavras, os lugares afáveis eram denominados amenos porque conseguiam resguardar a essência do amor. No decorrer do tempo, a descrição da natureza como lugar agradável foi remodelada de diversas formas, uma delas é a configuração da natureza com diversificada variação, ou seja, a sintaxe das poesias podiam ser invertidas, porém com o mesmo sentido como em "o pássaro chilreia o regato murmura, a aragem é tépida"; depois: "por seu canto agradam os pássaros, por seu murmúrio o regato, por sua tepidez a aragem" (Curtius 1996, p.256) . Temos ainda a inclusão das frutas ao grupo de elementos essenciais da paisagem ideal que são dispostos de acordo com os sentidos.

O Renascimento foi um importante marco para a história da Europa e do mundo, pois durante este período as bases do conhecimento da Antiguidade foram trazidas de volta, visto que os gregos e os romanos tinham uma sensível

relação com a natureza, o que contraria a visão Medieval. Enquanto na Idade Média Deus estava no centro de todas as coisas e os acontecimentos eram atribuídos à vontade divina, no Renascimento a visão que se instaura é o antropocentrismo, ou seja, o homem ocupando o lugar principal.

Nesta época, os fenômenos naturais começaram a ser observados através de experimentos e os fatos, que antes eram atribuídos à vontade divina, tais como as doenças, passaram a ser investigados a partir dos próprios seres humanos.

Em virtude da expansão econômica e da ascensão social da classe burguesa, a arte também passou a manifestar a sensibilidade e a visão de mundo dessa classe em ascensão. Neste período, grandes poetas, como Dante Alighieri, Giovanni Boccaccio e Shakespeare, com suas obras, imprimiram na área da literatura uma marca que perdura até os dias atuais.

Para corroborar nossa pesquisa, tomaremos ainda um pequeno trecho da *Divina Comédia*, do poeta italiano Dante Alighieri. Esta obra está situada entre a transição da Idade da Média para o Renascimento. Na *Divina Comédia* há elementos que apontam para uma visão moderna do mundo, como o próprio protagonista, indivíduo que se põe a interpretar a orbe, de uma forma muito particular.

O fragmento a que daremos atenção está localizado no canto IV, que trata da entrada de Dante no Limbo. Neste espaço, estão instaladas as personagens que viveram antes do Cristianismo. Ao chegar ao Limbo, Dante questiona Virgílio se alguém já fora levado ao céu.

"Por seu merecimento ou pelo alheio
Daqui alguém ao céu tenha subido?"
(DANTE, Canto IV, V.51)

O guia de Dante lhe responde que com pouco tempo após ter chegado viu forte guerreiro cingido de uma coroa descer e levar almas.

"Almas levou – do nosso pai primeiro,
Abel, Noé, Moisés, que legislara,
Abraam, na fé, na obediência por inteiro"
"Davi, que sobre o povo hebreu reinara,
Israel com seu pai e a prole basta,
E Raquel, por quem tanto se afanara"
(DANTE, Canto IV, V. 57, 60)

Dante nos deixa a par da caminhada e nos descreve o trajeto que percorrem para chegar ao Limbo. Observamos na descrição que Dante enxerga primeiramente um clarão brilhante.

Enquanto caminham rumo ao Limbo, ouvem vozes que indicam Virgílio como uma grande figura. Dante vê algumas personagens importantes da história literária, como Homero, Horácio, Ovídio e Lucano. E ao formarem um grupo, Dante é incluído como o sexto integrante. Então, seguiram todos em direção ao lugar iluminado. Este lugar é descrito da seguinte maneira:

Chegamos junto a um fúlgido castelo
Sete vezes de muro alto cercado
Cinge-o ribeiro lindo, singelo.
Passei-o a pé enxuto; acompanhado
Entrei por sete portas, caminhado
Da fresca relva até ameno prado.
Graves, pausados olhos meneado
Estavam sombra de aspecto majestoso,
Com sua voz rara vez falando.
A um lado sobre viso luminoso
Subimo-nos: de lá se divisava
Dessas almas o bando numeroso.
No verde esmalte o Mestre me indicava
Egrégias sombras: inda me extasia
O prazer com que vê-los exultava.
(DANTE, A divina Comédia, IV, 108-120)

O Limbo é o lugar que foi determinado para as almas que viveram antes de Cristo. Assim, as que não tiveram a oportunidade de atravessar o portal da fé, não podem ser condenadas ao inferno. Então, Dante ao escrever *A Divina Comédia* reserva um lugar agradável para estas almas. O limbo é configurado com os elementos que estruturam o conceito de *locus amoenus*.

Ele retrata ainda o Limbo apenas com os elementos essenciais e sempre com muita descrição. Ao chegar ao lugar os primeiros elementos que encontram é um castelo iluminado, cercado de um ribeiro que é lindo, todavia singelo. Percebemos que as personagens caminham de um gramado coberto de ervas rasteiras chamado de relva até um ameno campo também coberto de ervas.

À medida que avançam na caminhada, encontram um verde e florido vale, Virgílio indica as importantes sombras como elementos fundamentais para os gregos, pois debaixo das árvores repousam algumas figuras importantes que colaboraram para construir a história.

Ao término desse percurso pelos precedentes de Boccaccio quanto à representação da paisagem ideal a compreendemos que a configuração da paisagem relacionada ao ambiente agradável está disposta em obras importantes. A paisagem ideal caracteriza o espaço da obra de maneira que a natureza fique em evidência e forme um ambiente agradável que proporciona ao personagem um momento de conexão com a natureza.

Quando pensamos em uma paisagem ideal devemos pensar também que para que esta se constitua, deve existir um lugar não ideal, em outras palavras, se a personagem procura um lugar ameno para apaziguar o espírito, significa que o espaço em que ela se encontra, de algum modo, a atormenta. Nas diferentes passagens que recolhemos como fonte de busca de elementos que nos ajudassem, de certa forma, a compreender a composição do espaço boccacciano, percebemos que, de algum modo, o lugar em que as personagens se encontram produz condições que as obrigam buscar um novo ambiente.

Diante das considerações feitas sobre o *locus amoenus*, compreendemos que ele não é apenas um lugar descrito na literatura contruído para descansar, mas que ele pode ser representado como o sagrado ou profano, como algo que desprende o espírito ou os sentidos e proporciona condições ideais para as reflexões filosóficas ou religiosas.

II - A relação entre a paisagem ideal e a representação social.

A obra *Decameron*, escrita em 1348 por Giovanni Boccaccio, em *volgare*, numa época em que apenas o latim era considerado a língua oficial é composta por cem novelas que estão distribuídas em dez jornadas novelescas. As personagens centrais são sete moças e três rapazes, que, ao se verem abandonados pela família, sociedade e estado e igreja no momento em que a peste negra invade Florença, decidem fugir para as cercanias da cidade, para as montanhas de Fiésole, onde haveria as condições necessárias para uma vida digna e tranquila dentro dos padrões sociais, morais e religiosos que as personagens pertencem.

As novelas que serão narradas durante a estadia contêm acontecimentos que envolvem os desencontros, sentimentos, morte e superação. Tomaremos como objeto para análise, nesse segundo capítulo, a fuga das personagens da peste negra para Fiésole, por residir nesse aspecto o contraste entre o *locus amoenus* e *locus horrendus*, sendo esse segundo propiciado pela epidemia da peste negra.¹

As personagens descritas em *Decameron* pertencem à aristocracia Florentina que está ligada à civilidade e ao refinamento. Elas são consideradas por Auerbach (2013), como pessoas delicadas, mimadas e fragilizadas religiosamente e define ainda que o que mantém a união deste grupo é a força social, e nada mais a educação nobre foi a única que resistiu no momento que todas as outras bases em que a sociedade florentina estava firmada desmoronaram.

A obra foi criada em um período de transição da Idade Média para o Renascimento. Este momento de mudanças políticas e culturais impulsiona a transformação do modo que a sociedade enxerga o mundo em todos os âmbitos. Uma das correntes culturais que estão ligadas ao período do Renascimento é denominada Humanismo, que foi um movimento importante,

¹ Peste negra é o nome pela qual ficou conhecida, durante a Baixa Idade Média, a pandemia de peste bubônica que assolou a Europa durante o século XIV e dizimou entre 25 e 75 milhões de pessoas (mais ou menos um terço da população europeia), sendo que alguns pesquisadores acreditam que o número mais próximo da realidade é de 75 milhões, aproximadamente metade da população da época.

que visou trazer novamente à luz, paradigmas que fundamentaram a Antiguidade Clássica. As pessoas que se dedicaram ao estudo das humanidades mais tarde foram denominadas de humanistas.

Ao refletirmos sobre o Humanismo, compreendemos que o trabalho de definição de suas características se torna bastante complexo, pois esse movimento foi norteado por referências diversificadas o que o torna intelectualmente heterogêneo. Nos apontamentos de Saraiva (s/d) percebemos que a humanidade atravessou um momento em que a cultura clerical não correspondia plenamente às necessidades e aspirações surgidas com acontecimentos que contribuíram para a transformação da perspectiva mental de grupos sociais.

Os promotores deste movimento são os humanistas, letrados cuja atividade se exerce geralmente fora da hierarquia clerical, e que constituem um grupo cada vez mais numeroso. Alguns gozam de sinecuras eclesiásticas ou seculares, outros exercem funções diplomáticas de chancelaria, muitos são pedagogos leccionando em colégios ou casas senhoriais e burguesas. (SARAIVA. s/d, p.173)

No fragmento citado, entendemos que os humanistas estavam presentes em todas as esferas constituintes da sociedade, inclusive no âmbito religioso, e apesar de muitos usufruírem de cargos relevantes nas igrejas, muitos ainda preferiam exercer funções pedagógicas ensinando a elite.

Na Itália, o Feudalismo entra em declínio, e o Capitalismo Mercantil passa a imperar. Esta mudança colabora para o nascimento de uma nova cultura prenunciada por Dante. E desde o século XIV, representada por Petrarca, Boccaccio e pelo pintor Giotto. (Saraiva, s/d. p.39). Apesar da Itália passar por essa mudança precocemente, a Europa, em sua maioria, ainda não estava preparada para sofrer um processo de transformação tão intenso.

Em meados do século XVI o Humanismo consegue avançar para o restante da Europa e enfrenta a resistência imposta principalmente pelas universidades de Teologia. Ainda que as dificuldades fossem muitas, o Humanismo foi difundido de forma que conseguiu adentrar os ambientes universitários.

Segundo Saraiva (s/d), os humanistas combatiam a ideologia cristã que visava a junção das visões platônicas e aristotélicas à fé com o objetivo de alcançar a definição de uma única verdade. Este método de pensamento é denominado de escolástica.

Alguns humanistas atacavam o ponto de vista do aristotelismo escolástico e muitos optaram pelos pontos de vistas platônico e neoplatônico, que dialogariam sem dificuldades com o Cristianismo.

Por outro lado, existiram os que aderiram e aperfeiçoaram o aristotelismo com conceitos panteístas e materialistas. No campo religioso há uma divisão, alguns humanistas optaram por defender a volta ao Cristianismo primitivo, já outros preferiram viver com uma fé baseada nas escrituras, mas que passasse por uma exegese permanente, isto é, não deixaram de acreditar em uma doutrina, porém essa estava sempre em processo de interpretação e comentários que tinham por objetivo torná-la mais clara. O objetivo do Humanismo era, pedagogicamente, de forma harmoniosa conciliar as capacidades morais e estéticas do indivíduo.

“Ao mesmo tempo em que os humanistas se dividem por vertentes de pensamentos, possuem propósitos em comuns, todos concordam, todavia, descartar-se da dialética elucubratória e anistórica das escolas medievais [...]” (Saraiva, s/d, p. 174), ou seja, todos que pensavam pelo viés do Humanismo, compartilhavam o pensamento de que a Igreja exercia a função, excessivamente, tutelar e tinha uma doutrina que exigia dos indivíduos muita meditação e que, ao mesmo tempo, faziam o caminho contrário da história.

Os adeptos do movimento Humanista optavam por uma sociedade que pudesse escolher seus próprios dirigentes de acordo com o saber e a capacidade. A Igreja atravessa um momento delicado, em que os próprios cristãos estavam em conflito religioso e a solução apresentada pelo Humanismo seria a difusão do Cristianismo baseado numa fé íntima e vivida em vez de uma doutrina fundamentada por teorias que beneficiavam apenas ao clero.

Muitos humanistas, dependentes de sinecuras eclesiásticas ou palacianas, procuram evitar as polémicas arriscadas e inúteis, canalizando os seus entusiasmos para a simples ressurreição do mais puro classismo estilístico em latim ou grego (SARAIVA, s/d, p.175)

Com a situação citada acima, compreendemos que muitos humanistas para manter seus cargos nas instituições religiosas ou nos palácios evitam expor ideias que trouxessem consequências graves. Assim, estimulava apenas a dedicação em fazer ressurgir as línguas clássicas, assunto que não alteraria o modo de pensar e não confrontaria a maneira em que a sociedade estava constituída.

Diante dessa atitude tomada pelos humanistas origina um novo tipo de aristocracia intelectual protegida pela exclusividade de saber algo que não estava acessível a todos e que exige habilidades intelectuais especiais. A repressão da Contra-Reforma contribuiu para essa nova forma de composição da sociedade que estava baseada apenas na sabedoria das línguas clássicas. Esta tendência cresceu à medida que expor ideias audaciosas se tornou perigoso por causa das medidas tomadas pela igreja contra quem infringia as regras religiosas.

Ainda nas considerações de Saraiva (s/d) os humanistas se esforçaram para originar um sistema religioso, moral e pedagógico que substituísse, em medidas iguais, o sistema feudal, no entanto, não conseguiram sintetizar a ciência da antiguidade com a praticidade da nova sociedade.

O início dessa percepção de mundo tem como resultado a Renascença. Sendo esta definida por *Phélippeau (2013)* como a laicização imperceptível da sociedade que lança um novo olhar sobre o mundo, e, ao mesmo tempo, deixa o encantamento em um lugar secundário. A Idade Média tinha como meio de controle justamente este encanto, isto é, os indivíduos que pertenciam a este período da história, atribuíam todos os acontecimentos mundanos às leis divinas. E os que participaram dessa abertura do mundo se encontravam numa posição social ou intelectual que os permitiam contemplar as transformações que o mundo experimentava.

A verdade instituída pela Igreja passou a ser questionada e fez com que ela perdesse, gradualmente, sua autoridade e, paralelamente, isso deu espaço para que o indivíduo se libertasse e tivesse suas próprias convicções. A Antiguidade foi observada de maneira diferente pelos estudiosos que, sobre a base da antiga civilização, conceberam um novo modo viver. Essa concepção deslumbrou admiradores das belas letras que, em busca de fazer renascer as culturas antigas, recuperaram diversas obras do passado. Na esperança de reencontrar a essência cultural helênica, os humanistas se tornaram caçadores de textos greco-romanos antigos, prática que teve origem na Itália. O movimento de redescobrir a cultura antiga clássica estava, primordialmente, ligado ao interesse de rememorar a essência da arte de narrar, logo, relacionado às questões literárias, linguísticas e educacionais.

A partir do século XV na Itália, a erudição da Antiguidade greco-romana serviu de base cultural enquanto objetivo e idealização de existência e como elemento de um novo modo de pensar em relação aos fatos já existentes. Em uma época em que o sistema feudal predominava na maioria dos países europeus, os italianos se libertaram quase que plenamente. Liberdade ocasionada pelas disputas entre papas e uma dinastia de príncipes e imperadores. O país italiano era constituído por configurações políticas heterogêneas conhecidas como estados que eram governados de acordo com as leis criadas pelos seus dirigentes. É na propriedade da natureza dos estados que residiu a evolução do italiano ao homem moderno.

Por isso, para não incidirmos, por renitência ou desleixo, naquilo de que podemos escapar de alguma maneira, desde que queiramos (não sei se as senhoras pensarão como eu), creio que seria ótimo se, tal como estamos, tal como muitos antes de nós fizeram e fazem, saíssemos desta cidade; e, fugindo como da morte aos exemplos indecorosos dos outros, fossemos decorosamente para as propriedades do campo que cada uma de nós tem em grande quantidade, e ali gozásssemos da festa, da alegria e do prazer que pudéssemos, sem ultrapassar de modo algum os limites da razão. (BOCCACCIO, 2013, p. 35)

Diante da compreensão feita sobre alguns pontos do movimento humanístico, com a citação acima percebemos a influência de alguns princípios do Humanismo funcionando na obra. O fragmento pertence ao discurso da personagem Pampinéia, no qual observamos o início uma nova concepção, visto que, as personagens decidem enfrentar a ameaça da morte de maneira

organizada e prazerosa. Ao contrário dos outros, fogem decentemente em busca de tranquilidade para conduzirem a vida de modo que se deleitem com prazeres e festas sempre respeitando as normas sociais. Assim decidiram viver até que a peste deixasse a cidade. Essa decisão tomada pelas personagens se assemelha à forma que viviam os nobres nas cortes, onde passavam dias repletos de atividades culturais.

A cidade escolhida como ponto de partida para o *Decameron* é Florença, que é formada por sociedade que tem gravado em sua história o conceito da mais "elevada consciência política" e da "maior riqueza em modalidades de desenvolvimento humano" (Burckhardt, 1991, p.71), que pode ser considerada, como o primeiro Estado moderno do mundo. O estilo artístico e racional florentino proporciona incessantes transformações políticas e sociais, que dá à cidade o título de berço de preceitos políticos, experimentação e de grandes avanços que contribuíram para o crescimento da humanidade.

Florença representa plenamente a configuração do mundo moderno. E no momento, em que a história universal sofre uma ruptura entre épocas, a cidade italiana compõe o cenário perfeito para o nascimento de um novo olhar sobre o modo de conceber os acontecimentos. Nesse momento de transição, entra em declínio, a crença da imortalidade disseminada pela Igreja, mas que ainda exercia uma considerável influência que provocava instabilidade na relação religiosa do indivíduo. Nessa instabilidade residia o espírito das dúvidas que o Renascimento produziu, dentre essas, a que mais atormentava os seres humanos era saber qual o destino dos homens após a morte.

No período da Idade Média o homem era entendido apenas como uma peça integrante do coletivo e estava condicionado a enxergar o mundo através de uma cortina de proteção estabelecida pela igreja. É primeiramente na Itália que o indivíduo é tratado pela sua individualidade e como um ser que consegue ter consciência de sua condição espiritual. Neste elevado desenvolvimento individual, o sujeito adquire características próprias, o que o diferencia e, com isso, deixam de fazer parte de um amontoado de gente. É neste ambiente político, cultural e religioso, predisposto a mudanças constantes, que se encontram as personagens da narrativa.

Retomando a obra *Decameron*, o primeiro encontro entre as personagens se desenvolve em ambiente religioso que ocorre casualmente dentro da igreja Santa Maria Novella, local em que temos a fala de Pampinéia que é a mentora da fuga, que em seu discurso tece todos os acontecimentos relevantes que motivam a saída da cidade, pois a peste invadiu a cidade e destruiu todos os pontos de apoio (igreja, estado e família) e com o aumento da crise, as instituições mais importantes e suas regras foram anuladas, "as pessoas morrem em centenas, todas as instituições colapsam, os vínculos naturais se desfazem" (Auerbach, 2013, p. 25), o faz com que restassem apenas as características que foram cultivadas durante a vida.

Para que o grupo se mantivesse sempre em harmonia elegeu-se para cada dia uma rainha ou um rei para tomar conta da rotina da casa em que estavam hospedados. Ao final do primeiro dia, sentaram-se em círculo e para não ficarem ociosos cada um contou uma novela sobre um tema livre, e ao fim da décima novela foi eleita uma nova rainha que decidiu que a cada dia seria escolhido um tema, para que cada um narrasse uma novela. Durante o dia eles podiam passear, descansar e divertir-se.

A decisão de narrar histórias foi um modo que encontraram para agradar a todos ao mesmo tempo, pois se decidissem por jogos ou outras atividades o grupo ficaria dividido e apenas uma das partes sairia satisfeita. A arte de narrar história é uma prática milenar, de origem oriental, transmitida por gerações, como meio de entretenimento em épocas em que não havia outros meios de distração como nos tempos modernos. As narrativas fazem os ouvintes viajarem sem sair do lugar em que se encontram e elas não perdem a essência com o decorrer do tempo. Cada narração ela se desenvolve de uma forma diferente e produz efeitos diversos em seus interlocutores.

Nas considerações de Benjamin (1994), os narradores gostam de iniciar suas histórias com acontecimentos de suas próprias experiências de vida. As personagens narradoras das novelas boccaccianas buscam um meio de sobrevivência até que a situação de desolação se atenua. A fuga é única alternativa para manterem vivos. Assim, ao chegar ao lugar agradável e distante decidem narrar histórias, como já foi dito, um modo escolhido para

que todos se sentissem satisfeitos e nesta sequência de narrações está também implícita a supervivência, isto é, enquanto as personagens narram, mantêm vívida a essência do ato de narrar, destarte preservam suas próprias experiências, durante um período, em que a morte ameaça todos os tipos vida.

É no momento em que o indivíduo se depara com a ameaça da morte, que sua sabedoria e suas experiências se tornam transmissíveis, o que tem o intento de que a vida tenha sentido. Em outras palavras, ato de narrar perpetua a existência humana através das histórias compostas de experiências que marcam o indivíduo durante sua passagem pela vida.

Percebemos em *Decameron* a necessidade de narrar para sobreviver com a seguinte descrição:

Não fazia muito tempo que soara a hora nona quando a rainha se levantou e fez todas as mulheres e os jovens levantar-se afirmando que é nocivo dormir demais durante o dia [...] Aqui é bom e fresco, e, como veem, há tabuleiros e peças de xadrez, podendo divertisse com que lhe der mais prazer. Contudo, se nisso fosse acatada a minha opinião, não passaríamos esta parte quente jogando, pois no jogo o espírito de um dos jogadores perturba sem que haja prazer para o outro ou para que esteja assistindo, mas passaríamos contando histórias, de modo que um de nós pode dar prazer a todos os outros que o ouvem. (BOCCACCIO, 2013 p.40)

A partir da compreensão de que a narrativa tem em sua estrutura uma forma latente de utilidade, percebemos no discurso da personagem que o ato de narrar no momento em que eles se encontram é uma necessidade, pois apesar de estarem em um lugar aparentemente seguro, estão apenas uns em companhia dos outros e precisam manter vivas as lembranças e narram histórias para que a qualidade de vida seja mantida. A proposta de narrar histórias é aceita por todos, porque é um modo em que todos seriam agrados e também colaborariam em partes iguais, o que funciona como modo de estruturação do grupo.

O autor instala suas personagens em espaço ameno e permite que a estadia dure quinze dias². Nesse ínterim foram contadas cem novelas sobre diversos temas e cada um teve a oportunidade de estar na liderança do grupo.

² No *Decameron* (2013) a estadia das personagens durou 15 dias, porém as novelas foram contadas em 10 dias, porque alguns dias da semana eram respeitados pela religiosidade do grupo.

Antes da criação das novelas que tratam de assuntos ligados às questões humanas, tinha-se uma literatura voltada apenas para fins didáticos e que estava relacionada apenas com o plano divino, em que se acreditava que a supressão dos elementos que compõem a vida terrena agradava a Deus.

As novelas de *Decameron* são fatos que compõem a vida cotidiana que Boccaccio (2013) conseguiu captar e transformá-los em arte. As novelas não são apenas transposições da realidade para a ficção, pois ao mesmo tempo em que adquirem fundamentos da realidade empírica, elas assumem também o *ethos* da forma de sociabilidade nobre e distinta.

Segundo Auerbach (2013), o princípio da obra é uma sociedade fechada, haja vista que, neste grupo de personagens, temos jovens que fazem parte de classes sociais elevadas, com os mesmos costumes e educação. Na obra percebemos que eles possuem o mesmo refinamento na linguagem. Assim, temos nesta época da história, a formação de uma nova classe social, a burguesia e mesmo não existindo diferenças entre as camadas sociais percebe-se que existe a camada culta da sociedade.

É por isso que Auerbach (2013) nos afirma que Boccaccio (2013) deixa a caracterização e as relações de seus narradores em uma mútua zona de penumbra, por certo sabemos apenas que as personagens femininas pertencem à nobreza, "sendo todas sérias, de sangue nobre, formosas e dotadas de bons costumes e elevada a dignidade" (Boccaccio, 2013), mas não temos a definição da origem social das personagens masculinas pela a descrição; "sendo todos bastante agradáveis e de bons costumes" (Boccaccio, 2013)

Na obra *Decameron* há uma sociedade que tem por objeto a sua própria cultura, ao contrário da literatura épica em que temos o discurso de um povo inteiro que estava preocupado com os deuses e os acontecimentos do destino. Na narrativa, a sociedade discute sobre os aspectos que compõem a cultura. As novelas são baseadas nos acontecimentos cotidianos que Boccaccio consegue "filtrar" e transformá-los em histórias elegantes e muito bem elaboradas sem a presença do fundo moralista.

E esta é uma das inovações de *Decameron*, pois o autor aproxima o cotidiano das pessoas, que devido à rigidez religiosa, vivem durante a Idade Média, mas encontram distanciados de características ou acontecimentos puramente humanos. E com a chegada da peste e a fuga dos principais personagens temos um grupo que “assume uma determinada posição sobre a vida terrena e se interessa por conhecê-la e observá-la criticamente” (Auerbach, 2013)

1-Locus amoenus versus Locus Horrendus

Nesse trabalho nosso objeto para análise será o contraste observado entre as paisagens da obra, em que, inicialmente, temos a desolação da cidade de Florença e acontecimentos horríveis devido à invasão da peste negra que deixa a sociedade abandonada e, em um segundo momento, a criação de dois espaços amenos que recebem a honesta brigada de Boccaccio composta por conceitos cortesãos.

Compreendemos que a concepção de *locus amoenus* é uma expressão latina que designa paisagem ideal, que, primitivamente, na Antiguidade Clássica, era usada para descrever um ambiente que predominavam a natureza e os seus elementos específicos de composição. Este conceito era usado frequentemente nas poesias pastoris, nas quais uma das características fundamentais do bucolismo é a harmonia com a natureza e para que esta se concretize o estado de espírito do indivíduo também deve estar de igual forma.

Nas considerações de Curtius (1996), o *locus amoenus* primeiramente é um pequeno espaço da natureza composto por árvores, uma campina e uma fonte de água e com algumas variações, como pássaros, flores e uma leve brisa que eram também cenários para as poesias pastoris, mas que logo passou a exercer um papel importante na literatura e a configuração do espaço literário com os elementos da natureza começa a ter um cunho retórico.

A partir dessa mudança, o *locus amoenus* passa a ser constituído por detalhes, que podem ser comparados a paraísos terrestres, os espaços são sempre compostos por diversas espécies de plantas e árvores frutíferas que estão sempre em plena produtividade. As fontes de água sempre oferecem o prazer do descanso e as paisagens são compostas basicamente pelos mesmos elementos, porém estes dão ao escritor infinitas possibilidades de

construção do ambiente ameno que acolhe as personagens e atenua o estado de espírito delas.

O conceito de *locus horrendus* tem por significado: lugar horrível, que consiste na descrição de ambientes sombrios, decadentes, amedrontadores, apavorantes, aterrados de tristeza, que podem influenciar também sobre o estado de espírito das personagens as deixando aterrorizadas.

Temos na composição da obra dois ambientes descritos que estão em posições opostas que podem representar o estado de espírito das personagens.

Com o advento da peste em Florença temos a dissolução e o renascimento de toda a sociedade florentina. Entendemos que essas transformações sociais foram condicionadas pela conjunção de fatores que ocasionaram a onda de doenças e mortes.

E, meio a tanta aflição e miséria da nossa cidade, a veneranda autoridade das leis divinas e humanas estava quase totalmente decaída e extinta porque seus ministros e executores, assim como os outros homens, estavam mortos ou doentes, ou então se encontravam tão carentes de servidores que não conseguiam cumprir função alguma; por esse motivo, era lícito a cada um fazer aquilo que bem entendesse. (BOCCACCIO, 2013, p.29)

No âmbito literário temos esses fatos representados no enredo de *Decameron* (2013), no qual o seu criador utiliza um fato histórico real, como moldura para escrever uma obra que seria o início da narrativa moderna.

Segundo Berriel (2013), Boccaccio em sua obra conseguiu unir diversos gêneros narrativos ou didáticos mais antigos como o *fabliau* medieval, a lenda, o milagre, a causuística de amor dos tratados e da lírica cortesã e as anedotas florentinas. Em suas novelas, o escritor retrata situações que antes eram representadas por comportamentos fixos e que agora apresenta aspectos comportamentais mais problemáticos como os novos tempos.

Se as narrativas antigas descreviam personagens com características que podiam representar o coletivo, nas narrativas boccaccianas elas possuem peculiaridades singulares e certas ações que, narradas apenas pela tipicidade, nas novelas são fixadas com exatidão de tempo e lugar, o que adquire a importância de um fato único.

Boccaccio não inclui em sua obra efeitos morais ou edificantes que se afastam dos objetivos didáticos do *exemplum*. O autor compõe a obra com fatos unicamente humanos e naturais e rompe com a concepção da providência divina, ou seja, em sua obra os homens são responsáveis pelos próprios atos e consequências causadas por eles para o bem o para o mal. Existe então um objetivo que é o de retratar uma nova forma humana e um novo modo de pensar que representa uma sociedade mercantil e dinâmica.

Esse fato histórico real está relacionado à peste negra. Na obra Boccaccio (2013) a descreve, pormenorizadamente, o que cria para o leitor o *locus horrendus*. O autor descreve o espaço de modo tão fidedigno que o leitor consegue compreender as circunstâncias decadentes em que se encontra a sociedade florentina. É possível perceber o caos em que a sociedade atravessa, pois todas as instituições foram atingidas duramente, de modo que não havia mais diferenças entre as classes sociais, o que deixa os cidadãos florentinos à mercê da própria sorte.

Tive, entre outras, a seguinte experiência, coisa vista com meus próprios olhos, como há pouco disse: um dia tendo os farrapos de um pobre homem morto da doença sido jogados na via pública, dois porcos se aproximaram deles e, conforme é seu costume, primeiro os fugaram e depois os tomaram entre os dentes para sacudi-los; em pouco tempo, como se tivessem tomado veneno, após algumas contorções ambos caíram mortos sobre os trapos que em má hora haviam puxado. (BOCCACCIO.2013, p.28 e 29)

Para que o leitor tivesse uma visão realista do *locus horrendus* instalado na cidade de Florença, o autor descreve a cena citada acima como uma experiência própria para que com ela tenhamos a dimensão da assustadora situação em que se encontra a sociedade, os elementos usados na paisagem são usados de forma que compõe um cenário de horrores, que causam nos que assistem temores e angústias.

Neste momento de supressão da religiosidade e das leis criadas pela sociedade, as pessoas optavam pelo modo que lhes desse a sensação de bom aproveitamento da vida. Alguns se entregavam ao desregramento pela certeza da rápida chegada da morte, outros conduziram a vida de forma extremamente reservada e utilizando gêneros finos, acreditavam que dessa forma, evitariam a morte nas condições citadas. Na concepção de Boccaccio os que assim agiam eram inseridos no comportamento animalesco dos cidadãos, em outras

palavras, os habitantes em sua maioria se recusavam a se aproximarem dos doentes, mesmo que esses fossem parte de suas próprias famílias.

Havia aqueles que decidiram por um modo de vida intermediário, nem se restringiam excessivamente na alimentação e nem no isolamento, realizavam suas atividades rotineiras aliviando com ervas, o terrível odor dos cadáveres que eram deixados nas vias públicas. Boccaccio (2013) considerava que tinham uma infinita crueldade, aqueles que "diziam que contra a peste não havia remédio melhor nem tão bom como fugir", e acreditavam que essa era a melhor forma de sobreviver, abandonavam suas casas e suas famílias, sem nenhuma, compaixão pelos que ali ficavam.

Compreendemos que a peste é um horrível episódio histórico que Boccaccio (2013) utilizou como moldura³ de sua obra, no entanto, ele a descreve com objetividade e racionalidade, e retrata, de forma que o leitor a entenda como um fenômeno que ocorre devido às más condições da saúde pública da sociedade, isto é, um fato unicamente terreno. A descrição da desgraça e a certeza de que a morte estaria próxima, não aproxima o autor e suas personagens do ato de contrição medieval, ou seja, não enxergam a peste com um castigo divino, do qual precisavam ser perdoados, mas passam a conduzir a vida de modo que o plano divino ocupa certo lugar, porém não interfere em sua relação com os acontecimentos puramente humanos.

A fuga da cidade foi uma alternativa escolhida por muitos, e os que a escolheram foram censurados pelo autor, pois deixaram seus familiares sem apoio. No entanto, percebemos que as personagens também fogem para o campo, mas apesar delas estarem na mesma situação dos outros cidadãos, no discurso de Pampinéia, compreendemos que antes deles fugirem, deixando alguém para trás, primeiramente foram abandonados ou a morte dizimou a família e que não resta outra saída.

A mortandade na cidade era tão extrema que os sacerdotes não conseguiam mais enterrar os mortos com as devidas cerimônias, às vezes no mesmo ataúde eram carregados várias pessoas da mesma família e jogados em valas abertas no chão. Os moradores morriam sozinhos e isto era

³ As molduras tinha o cunho de motivação para a narração de histórias com fins didáticos, filosófico e morais.

percebido apenas pelo mau cheiro causado pela decomposição dos corpos, e os que assim morriam eram tirados de suas casas para serem colocados à beira da rua para que as autoridades os recolhessem. Esses acontecimentos se tornaram comuns durante a passagem da peste pela cidade e Boccaccio usa esses elementos para compor o cenário horrendo.

Aqui, por outro lado, se bem percebo, não abandonamos ninguém; aliás, sem fugir da verdade, podemos dizer que abandonadas fomos; porque os nossos, ou por morrerem ou por fugirem da morte, deixaram-nos sozinhas nesta aflição como se não fossemos tão próximas. (BOCCACCIO, 2013, p.35)

No discurso da personagem Pampinéia, percebemos as diversas situações que a sociedade florentina está condicionada. Com a degeneração sofrida pelas esferas institucionais, os moradores que permaneceram na cidade, se tornaram alvo de pessoas que estavam sob a custódia das autoridades e aproveitavam a insegurança para praticar atos ilícitos e fomentar ainda mais o terror já instalado. Compreendemos com a reflexão de Pampinéia que com a certeza da morte a moralidade se desfazia com muita facilidade, esse efeito tornou a estadia na cidade perigosa.

A situação degradante da cidade de Florença, cria um *locus horrendus* que obriga os moradores a buscarem um modo melhor de viver. Temos o relato que os menos abastados morreram em suas casas por causa das dificuldades financeiras, porém os mais ricos iam para fora dos muros florentinos em busca de um lugar melhor. E o grupo de jovens ao se verem abandonados pelo estado, família e igreja, e cercados de situações catastróficas e sob a ameaça constante da morte, concluíram que a única alternativa para sobrevivência seria a saída da cidade em busca de um lugar ameno para viverem com tranquilidade, isto é, a presença de elementos que interferem na zona de conforto faz com o homem busque uma nova forma de viver.

Segundo Auerbach (2013), na Idade Média a moldura nas narrativas passou a exercer um papel relevante, as novelas emolduradas eram constituídas de considerações filosóficas e doutrinas que se comportavam como suplementos ilustrativos, *exemplum*, de outra maneira, as novelas eram usadas para fins didáticos, que se criavam histórias para ilustrar acontecimentos que serviriam para ensinar a doutrina. As novelas se

desenvolvem na França e Itália. Na Itália a moldura perde a função didática e deixa de ser a parte mais importante do texto, doravante, assume uma nova tarefa e se torna um argumento para a narração de novelas e ao modo que usado como meio artístico intensifica o efeito da narrativa.

Nas considerações de Auerbach (2013), percebemos que a prática de narrar histórias para a sociedade culta representava um jogo elegante e se tornava muito mais interessante quando os narradores tinham a dimensão da importância dos ouvintes e sabiam envolvê-los de modo fascinante. O escritor de *Decameron*, como já foi dito, usa um fato histórico aterrorizante para preludiar a narração de novelas, todavia, ele modifica o estilo e deixa para trás o antigo objetivo de trazer na estrutura da moldura uma doutrina utilizada para a moralização dos leitores e essas doutrinas compunham as narrativas que antes de *Decameron* pareciam ser trazidas de lugares distantes para provarem acontecimentos simples.

Auerbach (2013) afirma que a moldura de *Decameron* é inovadora e podemos compreender que Boccaccio, em sua obra, traz uma moldura em que os acontecimentos são reais e estão ligados diretamente aos narradores, o que faz com que todos a sintam e cada um que a presencie e a interprete da forma que lhe for possível. Ao observamos o que sobrou da ruína da sociedade florentina, vemos que o grupo de personagens representa claramente que apenas a nobreza cultivada durante a vida resistiria, uma vez que a calamidade conseguiu extinguir os resquícios de preocupação com a educação e a moralidade que eram fatores essenciais para manter qualquer tipo de relação social.

[...] fiquei sabendo por pessoa digna de fé, na venerável igreja de Santa Maria Novella, onde não havia quase mais ninguém, sete donzelas [...] Enquanto as mulheres conversavam, eis que três rapazes entravam na igreja[...] (BOCCACCIO, 2013, p. 33,36)

Ao elaborar a moldura e nela organizar os acontecimentos e seus efeitos sobre a sociedade, Boccaccio coloca o leitor em contato com as personagens e deixa uma espécie de incerteza sobre a natureza delas, visto que, o primeiro narrador é o próprio autor e ele parte de uma circunstância real para uma situação fictícia.

Segundo as considerações de Auerbach (2013), os fatos históricos sociais deram origem a uma nova sociedade, que era constituída por pequenos grupos que observavam a vida de modo particular, se preocupavam apenas com os acontecimentos terrenos e viviam um estilo de vida sempre voltado para o divertimento com atividades culturais. Boccaccio ao inserir um grupo de jovens na moldura representa essa nova sociedade que está baseada nas leis de convívio social e não em explicações filosóficas abstratas como a sociedade medieval.

Segundo Auerbach (2013), a paisagem é primeiramente um recurso estilístico e está subordinada à existência social e que deve ser tratada sem desarmonia com o estado de espírito das personagens. O cenário em que o novo grupo social está inserido na fase inicial de *Decameron* representa claramente as condições que se encontrava a sociedade florentina, pois compreendemos que a Itália passa momentos de rupturas, e ainda, que a peste tenha acontecido realmente, Boccaccio (2013), a usa como moldura literária de uma narrativa de caráter renascentista, o que de acordo com os estudos do Renascimento, demonstra que ela representa a decomposição de uma sociedade já degradada, que necessitava de uma nova organização.

Com a compreensão que nos é dada por Auerbach (2013) de que a paisagem deve estar de acordo com o estado de espírito das personagens percebemos que em *Decameron*, as paisagens representam nitidamente as condições espirituais das personagens, dado que nos discursos dos narradores, percebemos que a ameaça da morte assombra a alma das personagens.

Após explanar os motivos para a fuga, todas as outras personagens concordam com a ideia e preparam a bagagem que se faz necessária para levar. Partem rumo a um novo local, ao chegarem ao lugar pretendido, se deparam com um ambiente totalmente distinto da miséria em que se encontrava Florença, Boccaccio descreve o local como um lugar muito agradável e recíproco, que, aos olhos do leitor, torna-se extraordinário e que entra em total contraste com o ambiente de destruição antes descrito por ele. Podemos comprovar esta afirmação com a seguinte descrição:

O referido lugar ficava numa pequena montanha, um tanto distante das nossas estradas por todos os lados, era coberto por vários arbustos e com verdes frondes, de aspecto muito agradável; no ponto mais alto ficava um palácio com um pátio bonito e espaçoso no meio, galerias, salas e quartos, tudo belíssimo e ornado com pinturas alegres e notáveis, tendo prados ao redor, jardins maravilhosos, poços de água fresquíssimas e adegas cheias de vinhos preciosos: coisas mais adequadas a curiosos bebedores do que mulheres sóbrias e recatadas. (BOCCACCIO, 2013, p. 38)

O espaço descrito acima é o primeiro cenário que a brigada encontra fora dos muros da cidade, este está localizado na primeira jornada. Percebemos que a mudança da paisagem é composta por elementos que contrastam com os usados na configuração do cenário da cidade. Enquanto na paisagem urbana tínhamos casas abandonadas e assombradas pela tristeza da morte, no campo aparece o oposto, há um palácio bonito e espaçoso, decorado com pinturas alegres e notáveis e que ainda possui um jardim esplêndido.

O lugar descrito representa o primeiro *locus amoenus* da narrativa, adornado de detalhes que o torna agradável ao corpo e ao espírito. Nele como nos lugares amenos da poesia bucólica estão presentes elementos relacionados à natureza como, poços de águas frescas, plantas de várias espécies como arbustos, prados, oliveiras, loureiros e a relva que são descritos na composição da poesia pastoril.

E, ao se sentarem assim que chegaram, disse Dioneu, que mais que qualquer outro era encantado e cheio de argúcia : - Foi a sensatez das senhoras, mais que nossa astúcia, que nos trouxe aqui. Não sei o que pretendem fazer de seus cuidados; os meus eu deixei atrás das portas da cidade quando a pouco saí de lá ; por isso, ou se dispõem a divertir-se, rir e cantar comigo (quero dizer, tanto quanto convier à dignidade das senhoras) ou me dão permissão para voltar ao meus cuidados e ficar na cidade atribulada.(BOCCACCIO. 2013, p.38)

Podemos comprovar com as palavras do jovem Dioneu que o primeiro lugar escolhido pelo grupo proporciona tranquilidade e que os cuidados que eles tomavam na cidade já não se faziam tão necessários visto que o espaço devia ser usado de forma digna e prazerosa.

O *locus amoenus* da poesia pastoril era basicamente uma nesga da natureza com fontes de água e uma sombra sob a qual as pessoas conversavam, escreviam e meditavam. Nesses lugares amenos não tínhamos elementos urbanos. Compreendemos que Boccaccio (2013), elabora um *locus*

amoenus com os elementos pertencentes ao bucolismo, no entanto, agrega a ele pontos que nos dá a noção da criação do bucolismo social, isto é, se antes o *locus amenos* era apenas uma nesga da natureza em *Decameron*, Boccaccio preenche um cenário rural com comportamentos de uma sociedade urbana.

Segundo as palavras de Auerbach (2013), em *Decameron*, a paisagem é tratada sem qualquer desarmonia; submete-se com docilidade às exigências de pessoas cultivadas, que ocupam seus olhos de forma prazerosa e desejam revigorar seus corpos. Percebemos esta noção funcionando na obra no decorrer da configuração da paisagem como vemos na citação acima em que a paisagem disponibiliza todos os elementos necessários para a honesta brigada. Ao observarmos a estrutura do cenário percebemos que ele é constituído por elementos que remetem as cortes, há um palácio ornamentado com jardins, galerias, quartos e salas decoradas com pinturas alegres e uma adega com vinhos finos. Este lugar proporciona tranquilidade espiritual, ao contrário da cidade de Florença que se encontra em decadência, então essa é muito além de física, é moral e religiosa. Com o decorrer da leitura da obra percebemos que o estado espiritual passa por uma transformação que está intrinsecamente relacionada com mudança ocorrida no espaço.

Dioneu, são acertadas tuas palavras: convém viver festivamente, e não foi outra razão que nos fez fugir das tristezas. Mas visto que as coisas desregradas não podem durar muito, eu, que fui iniciadora das conversações que resultaram nesta linda companhia, pensando na continuação de nossa alegria, considero necessário escolhermos entre nós alguém que seja principal que respeitemos e obedeçamos como mandante, cujo único pensamento seja dispor-nos a viver com alegria (Boccaccio, 2013, p. 38)

É neste primeiro lugar de estadia que eles estabelecem as regras de convivência e modo de vida, optam que pelo tempo que estiverem fora da cidade a vida do grupo será regada de festas e atividades culturais. Designam aos criados as tarefas que competem a cada um deles. É ainda neste momento que decidem que o grupo deverá ter um líder e elegem Pampinéia como a primeira. Percebemos hipoteticamente a representação da constituição de uma nova sociedade, na qual, seu representante é escolhido pela sua capacidade. A alteração da paisagem reflete diretamente na mudança do estado espírito do grupo. Se antes a paisagem de Florença era sombria, no campo as

personagens se deparam com jardins adornados com plantas de várias espécies como os prados presentes na poesia bucólica.

O início da terceira jornada é marcado pela mudança da paisagem e do espaço, nesta a rainha Neifile ordena que aos criados sigam para um novo local.

A rainha , pois, com passo lento, acompanhada e seguida pelas suas damas e pelos três rapazes, guiados pelos trinar de uns vinte rouxinóis e outras aves, tomou o rumo do ocidente por uma viela não muito palmilhada, mas cheia de relva verde e de flores que com o surgimento do sol começavam a abrir-se ;e, falando e gracejando e rindo com o seu grupo, não tinha andado mais de dois mil passo quando, bem antes de meia terça, conduziu-os a um bélissimo e rico palácio, que ficava um tanto elevado em relação ao plano num outeiro. (BOCCACCIO, 2013, p.167)

O espaço representado acima se refere ao segundo local que o grupo fica hospedado, o lugar é descrito em detalhes, o autor adorna o espaço com diversos elementos que o caracteriza como ameno, o primeiro deles é o caminho que eles percorrem e encontram outro palácio que parece que fora feito para recebê-los, este segue os mesmos padrões do anterior, com quartos, salas e cozinhas, espaços ornados e repletos de todo o conforto. Ao adentrar no palácio os jovens se depararam com um porão cheio de vinhos finíssimos, um pátio amplo e alegre e uma fonte de água fresquíssima, este ambiente está cheio de diferentes tipos de flores.

Nos jardins do palácio as personagens se depararam com várias alamedas cobertas de parreiras floridas que recendia um maravilhoso aroma que se misturava com as outras essências das plantas que compunham o ambiente. Neste local temos a presença diversificada de espécies como os jasmineiros, uma planta muito antiga, as roseiras brancas e vermelhas que possuem perfumes singulares que exalavam durante o dia o que torna o ambiente ameno e agradável, contrastando com os elementos do *lócus horrendos* que era necessário sair às ruas com ervas para aliviar o odor dos cadáveres em vias públicas.

Se no caos de Florença a sociedade se sentia incomodada ao andar pela cidade por causa do cenário de degradação, neste novo ambiente a honesta brigada pode se movimentar por toda a parte debaixo de sombra

perfumada e agradável. O jardim ainda era ornado com árvores frutíferas que ofereciam belas sombras e deliciosos bálsamos ao olfato do grupo, no meio de um prado coberto por flores, existia uma fonte de mármore branco que jorrava água fresca e abundante, que por caminhos ocultos, direcionavam para a saída do jardim e movimentavam dois moinhos que eram de grande utilidade para proprietário do palácio.

Os ouvidos do grupo ainda eram presenteados pelos cantos dos pássaros e no decorrer da caminhada do grupo, uma variedade de animais apareciam.

[...] surpreendidos que estavam pelas outras coisas: estava o jardim cheio de uma variedades de belos animais, e, mostrando os uns aos outros, viram de um lado aparecerem coelhos, de outros correrem lebres, daqui surgirem corsas, ali enhos pastando, e havia, além desses, mais outros vários tipos de animais inofensivos, todos á vontade, quase domesticados, a divertir-se; essas coisas somaram ainda maior prazer a todos os outros que havia. (BOCCACCIO, 2013, p.168)

Percebemos a diversidade de seres vivos na citação acima, a harmonia presente nas paisagens ideais criadas pelo autor submete às docilidades e às exigências das pessoas que nelas são inseridas. As personagens são pessoas cultivadas que comparam o jardim como um paraíso terrestre.

Os locais que o autor instalam seus personagens durante a fuga, obedecem aos conceitos das cortes para as quais vinham pessoas de toda parte da Itália para participarem de encontros culturais e discussões sobre assuntos em comum. Em *Decameron* (2013), este ambiente cortesão é levado para o campo e adornado com elementos naturais, que torna o clima ameno e propicia à honesta brigada, um clima ideal para a narração de novelas.

O momento que os narradores passam fora da cidade representa o nascimento de uma sociedade moderna, que tem o homem como centro e origem de todos os acontecimentos.

No *locus amoenus* construído por Boccaccio, percebemos que configuram os espaços com elementos campestres, porém as personagens carregam consigo a nobreza e as características urbanas que são associadas à segurança e amenidade trazidas pelo contato com a natureza.

Constatamos ainda a mudança no estado de espírito do grupo, que antes era atormentado pela desgraça e pela falta de expectativa de melhora e após a decisão de mudança para outro local onde não existe ameaça de morte vivem o alívio quando chegam ao lugar pretendido e a primeira ordem é que não sejam trazidas lembranças e nem notícias da cidade em ruínas.

Compreendemos durante a análise que o autor busca um contraste entre os ambientes visto que ele cria na narrativa dois *lócus amenos* plásticos que existem em função da configuração de um *lócus horrendos* real e histórico.

Segundo Auerbach (2013), a que paisagem amena em Decamerom submete-se com docilidade às exigências de pessoas cultivadas que ocupam seus olhos de forma prazerosa e que desejam revigorar seus corpos, o que difere da Idade Média que conheceu apenas a primavera com seus pássaros canoros. As mudanças na composição da paisagem começaram com Dante na obra Divina Comédia, que desenvolveu um grande número de paisagens, incluindo nelas pessoas e espíritos sustentadas pelo sobrenatural.

Na obra de Boccaccio o efeito mágico é dispensado, pois ele prefere trabalhar com elementos reais e com temas do cotidiano. Diante da riqueza Dantesca, ele extrai que o "conhecimento de que estado de espírito, acontecimento e paisagem precisam estar em concordância. Por isso limita-se a duas imagens: a cidade pestilenta e o idílio na casa de campo" (Auerbach, 2013,p.27).

Considerações Finais

Uma vez que o Renascimento em seu nível mais elevado de convívio social conseguiu extinguir as diferenças entre as classes sociais, existindo apenas uma camada culta da sociedade, e diante de tantas características a mais notável a fusão entre as camadas sociais e segundo Burckhard (1991) isso só foi possível fundamentalmente pela convivência entre nobres e burgueses a partir do século XII. Nesta época a nobreza era questionada, e deixou der vista apenas como uma questão de nascimento, passando a associá-la com a aptidão para a superioridade moral e intelectual e deixando de atribuir valores ao homem apenas pela sua descendência.

No *Decameron* temos a representação de uma nova sociedade que estava sendo formada pela fusão da classe de comerciantes com nobreza, que viria a ser a burguesia. Boccaccio como escritor moderno, em sua obra direciona um grupo de jovem para uma paisagem ideal, que um pouco mais tarde viria a ser a burguesia, pois temos a ascensão dos comerciantes que não tinham o refinamento cultural necessário para serem considerados nobres, e então para atingir essa nobreza passaram a financiar as obras de arte e os artistas, construindo casas modernas e as adornando com quadros e peças artísticas fomentando as atividades culturais.

Sociabilidade no Renascimento era regida pela conveniência e pelo decoro, algo muito mais forte que a simples etiqueta, o convívio social era extremamente respeitado que vemos a liderança de Pampinéia com uma unânime aceitação, porque ela repousa uma prática real e frequente nas cortes.

Apesar das histórias do *Decameron* serem já conhecidas e às vezes consideradas imorais, mas eram narradas por uma sociedade civilizada e nobre que se mantém fiel a boa educação e margem de qualquer mácula. A sociedade que Boccaccio constrói no *Decameron* nos permite enxergar a nobreza e o decoro que residia na liberdade de espírito e do caráter. Podemos ver a essa sociabilidade ideal de fato existiu, quando vemos mulheres ocupando um lugar de destaque sem prejuízo algum para sua reputação.

Ao compreendermos esse convívio social na obra, perceberemos a necessidade de uma paisagem ideal em harmonia que trás ao grupo uma amenidade e seguranças.

Todos os fatos que acontecem são marcados por um tempo e um espaço que são elementos que ajudam a situá-los dentro da história. No período da Idade Média a peste bubônica assolou a Europa durante o século XIV e tirou a vida de um terço da população europeia, este fato real e histórico serviu de moldura literária para uma das obras mais importantes da literatura italiana: *Decameron*.

A obra escolhida como objeto de pesquisa está situada em um espaço e tempo muito marcantes para história. A peste invade a Europa em meados de 1348 e destrói todas as barreiras possíveis, chegando até a cidade de Florença na Itália e dizima um quinto da população.

Boccaccio que retornou à cidade neste mesmo ano perdeu muitas pessoas próximas, inclusive seu pai, e se tornou o mais importante cronista deste terrível episódio. Ele descreve nas páginas de *Decameron* uma cidade em degradação física e moral.

O cronista então retrata a desgraça das pessoas das classes média e baixa de modo que elas sem ajuda alguma e sem nenhum meio de fuga morriam sozinhas em suas casas. Suas mortes só eram percebidas pelo odor causado pela decomposição dos corpos, outros faleciam nas ruas e eram recolhidos ora pela caridade ora pelo medo de que os corpos decompostos gerassem algum risco para a saúde dos que ainda restavam.

Durante este período a crueldade da doença exterminou com todo o tipo de sentimento que pudesse haver nas pessoas, os mortos eram enterrados sem o mínimo de dignidade, visto que não havia mais espaços nos cemitérios, os cadáveres eram empilhados em valas como mercadorias.

Belas casas e palácios da cidade de Florença ficaram totalmente vazios, isto é, sem seus devidos herdeiros, e nobres linhagens foram extintas em tempo recorde. Os vivos que restavam escolhiam o modo de vida que lhes parecessem proveitoso, uns se entregavam aos vícios, outros se mantinham reclusos em grupos de orações, mas haviam aqueles que decidiram manter um padrão de vida equilibrado, na medida do possível, como as personagens escolhidas por Boccaccio para a narração de suas novelas.

Os narradores de *Decameron* são jovens que fazem parte da nobreza e que percebem que em meio à epidemia, não conseguiriam sobreviver por muito tempo e decidem fugir para o campo, onde ficam por duas semanas

tranquilamente e rodeados de cortesias e atividades que fazem bem para o espírito.

O lugar escolhido pelo grupo é composto por palácios adornados com galerias, jardins e adegas, que são elementos presentes na filosofia epicurista. Neste lugar as personagens concebem um novo modo de vida e buscam satisfazer os prazeres humanos com muita nobreza e distinção, rompem assim com o caos da cidade, pois sabem que após a passagem da doença a sociedade não seria a mesma nos costumes e ideais de antes.

Ao percebermos que havia um contraste entre os espaços do enredo, decidimos entender qual era a relação do ambiente com o social. E como apoio para entendermos a configuração do *locus amoenus* em *Decameron*, recorreremos às obras literárias de diferentes épocas em busca de saber como eram construídas as paisagens amenas. Analisamos alguns trechos em que o espaço tem elementos da natureza e compreendemos que desde Homero com as epopeias até Dante com a Divina Comédia, a natureza é utilizada como recurso estilístico, descrito sempre com muita riqueza de detalhes: cheias de árvores de variadas espécies, fontes de água fresca e campos cobertos de ervas, elementos que proporcionam às personagens momentos de conexão com a natureza.

Constatamos que escrever com a inspiração das características vindas natureza perdurou por anos nas poesias bucólicas, e que mais tarde a natureza deixou de ser o cenário das poesias pastoris e passou a fazer parte de outros estilos de obras, como um elemento de requinte.

Decameron é uma obra ambientada num momento de transição que teve muita influência do Humanismo, um dos movimentos mais importantes da época, neste período, os modos de pensar estavam em constantes mudanças e deixavam todos que faziam parte deste movimento, em total instabilidade.

As personagens primeiramente ocupam um espaço saturado pelos pensamentos teocentristas, disseminados pela Idade Média. A peste veio destruindo todas as barreiras e apoios, o que fez com que a sociedade buscasse uma nova forma de vida e repensasse sua existência.

Diante da ameaça de morte o grupo decide fugir, já que não há nada que o prenda na cidade. Esta fuga representa o rompimento com os rígidos e antigos costumes medievais. As personagens vão para o segundo espaço que

está situado nas montanhas de Fíesole este lugar é ameno e dá condições para o grupo ter uma estadia com segurança, conforto e prática de atividades culturais.

Bibliografia

- AUERBACH, Erich. **A novela no início do renascimento: Itália e França**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOCCACCIO, Giovanni. **Decameron**. Porto Alegre: L&L, 2013. 632 p. Tradução de: Ivone C. Benedetti.
- BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália: Um ensaio**. São Paulo: Companhia da Letras, 1991. Sérgio Tellaroli.
- CASTIGLIONE, Baldassare. **O cortesão**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Carlos Nilson Moulin Louzada.
- CAVALLARI, Doris Nália. A última coroa: Boccaccio e a gênese da narrativa moderna. **Morus - Utopia e Renascimento**, São Paulo, v. 9, n. 9, p.13-20, ago. 2013. Disponível em: <<http://www.revistamorus.com.br>>. Acesso em: 16 abr. 2015.
- CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. Tradução de: Teodoro Cabral e Paulo Ronai.
- DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. 1.ed São Paulo: Ática, 1985.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 2002. (Princípios).
- GREENBLATT, Stephen. **A Virada: O nascimento do mundo moderno**. São Paulo: Companhia da Letras, 2012. Tradução de: Caetano W. Galindo.
- HEISE, Pedro Falleiros. Boccaccio e Poesia. **Morus - Utopia e Renascimento**, São Paulo, v. 8, p.63-68, ago. 2013.
- SARAIVA, Antonio José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17. ed. São Paulo: Porto Editora, 1996.